

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



ARNAUT, Salvador Dias (Penela, 1913 – Coimbra, 1995)

Salvador Dias Arnaut nasceu em Penela no ano de 1913. Passou a infância na sua terra natal. Concluída a escola primária, deslocou-se para Coimbra onde realizou os estudos liceais na escola José Falcão. Neto e filho de farmacêuticos, ingressa no curso de Medicina que conclui com 27 anos, em 1940. Iniciou, em seguida, o exercício da profissão de médico, primeiro em Penela e depois em Coimbra, e de professor na Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel. O apelo das Letras era, no entanto, muito forte, o que levou o jovem médico a frequentar, com muito êxito, o curso de Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Licenciou-se em 1947, com 18 valores, classificação que o habilitou à docência universitária. Ingressou na carreira académica, em 1952, vindo a realizar as provas de doutoramento, em 9 de Dezembro de 1960, obtendo a classificação de 19 valores. No ano seguinte, assumia funções de Primeiro Assistente. Em conjunto com o Doutor Avelino de Jesus Costa, em Janeiro de 1965, recebeu as insígnias doutorais. Passados quatro anos, concorreu para professor extraordinário, acedendo à categoria de professor catedrático em 1971. Jubilou-se no ano letivo de 1983/84, mas manteve uma ligação à docência de seminários de mestrado quase até ao fim da vida (1995). A sua carreira académica pautou-se por uma grande dedicação à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde exerceu vários cargos: Diretor do Instituto de História Ultramarina (1965-1974) e do Instituto de História da Expansão e do Colonialismo (1978-1984); do Instituto de Paleografia (1983-1984); Presidente da Comissão Científica do Grupo de História (1978-1984). Exerceu ainda as funções de subdiretor da Faculdade de Letras entre 1971 e 1974, cargo que lhe motivou um penoso afastamento da instituição entre 1974 e 1978. Foi membro da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e sócio emérito da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

Apresentados, em síntese, os principais marcos da carreira académica de SDA, esboçaremos em seguida uma apreciação do seu percurso intelectual através da análise da sua obra. Os primeiros frutos saídos da pena do jovem penelense germinaram no campo da literatura. Iniciou a sua atividade literária muito jovem, com 14 anos, publicando textos num *Semanário Infantil* editado em Lisboa. Pessoas e paisagens haveriam de suscitar, ao longo de toda a sua vida, emoções diversas que exprimiu em textos em prosa e em poesia. Descobriu e reinventou os lugares simbólicos de Coimbra, influenciado pela leitura dos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

textos do autor de *Só – Penedo da Meditação* (1936), *António Nobre e a paisagem de Coimbra*, 1940) – e pelo convívio com Eugénio de Castro, cuja casa frequentava e onde conheceu a esposa. Os títulos dos seus diversificados escritos denunciam diversificados gostos literários como se evidencia nos seguintes títulos: *A lavadeira: esboço um pouco à Dostoiewsky* (1936), *Eça de Queiroz... falsificador?* e *Gil Vicente e o mar* (1942); *Penela na obra de dois escritores: Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior* (1966).

Olhares românticos a amenizar tempos de convivência com vidas duras. Na farmácia do avô e do pai conviveu, desde cedo, com o sofrimento humano, adquirindo um apurado sentido de compaixão pelos seus semelhantes, cujos males tentará suavizar ao longo da vida. Bem cedo identificaria a causa de alguns padecimentos dos seus conterrâneos: a insuficiência de condições de vida decorrentes da letargia económica da sua terra natal, expressa, por exemplo, nas ruínas do castelo do Germanelo e no estado de degradação do de Penela. No sentido de acordar os poderes do tempo para a preservação destes valores patrimoniais portadores de futuro, ergue a sua voz inconformista em textos expressivamente intitulados: *Penela: restaure-se o seu castelo* (1931); *Penela: uma linda vila quasi ignorada* (1933).

A imagem da decadência da sua terra natal contrastava com a que o jovem estudante de medicina colhia nos documentos medievos: a representação da Penela “guerreira”, palco de acontecimentos de expressão nacional, como a reconquista cristã. Os frutos do seu interesse pela investigação histórica expressam-se em artigos publicados na “Gazeta de Coimbra” – *A batalha de Ourique: hipótese da sua localização no Chão de Ourique, Penela* (1931) – ou no periódico “Novo Horizonte” – *Esboços históricos: I - Da aldeia, depois vila de Ansião: notas sobre as “Cinco Vilas* (1932).

Mas SDA não se limitou a escrever textos onde erguia a sua voz de protesto ou desvendava passados gloriosos. Tomou iniciativas no sentido de promover uma dinamização cultural alicerçada numa memória histórica. Ocorrendo, em 1937, o oitavo centenário da concessão do foral medieval a Penela, propõe a comemoração do evento fundador do concelho. Acolhida a ideia pela Câmara Municipal foi convidado a fazer uma conferência. Aceitou, com perplexidade: “Ser estudante, usar capa e batina, e fazer uma conferência, envolve necessariamente um paradoxo”. No texto publicado – *Penela: notas acerca dum centenário* (1937) – apresentou episódios marcantes da vila de Penela, desde a época romana até ao século XVI, evidenciando a sua concepção de história: “Volver os olhos para o que passou não é, pois, mera atitude de saudosismo: é compreender a razão de ser do que existe, é compreender a psicologia dum povo. É, em suma, adquirir a consciência de que se é um elo numa cadeia, idêntica a milhões de cadeias, entre o passado e o porvir. – Da noite de luar para a aurora que acompanha a projeção da vida” (Arnaut, 1937, 19). Movido pelo amor à sua terra natal celebrava o passado com os olhos postos no futuro, animado de um forte empenho em preservar as suas marcas da identidade e cultivar a sua memória histórica.

Dotado de um aguçado sentido histórico, procurou no passado as raízes de diversos presentes. Nos primeiros anos do curso de medicina, SDA dedicou-se à história da ciência, tendo publicado, em 1943, dois



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

importantes trabalhos na área da história da cirurgia: *Notícia histórica da cirurgia coimbrã*, em colaboração com José Bacalhau, e *Súmula histórica da Propedêutica Cirúrgica na Faculdade de Medicina de Coimbra*.

Da análise da detalhada bibliografia publicada por Joaquim Tomás Miguel Pereira, no tomo 31 da *Revista Portuguesa de História*, conclui-se que durante os anos quarenta e cinquenta SDA se concentrou na área da história política nacional, de forma particular no estudo da crise de 1383/5, campo onde produziu duas obras académicas de referência: a tese de licenciatura (*A Batalha de Trancoso*) e a de doutoramento (*A Crise Nacional dos fins do século XIV. A sucessão de D. Fernando*). A qualidade científica dos trabalhos académicos, discutidos em provas públicas, afere-se pelas elevadas classificações obtidas: 18 na licenciatura e 19 no doutoramento. Durante a preparação da tese de doutoramento SDA não foi poupado ao serviço docente, tendo assegurado cadeiras nas quais pôde aplicar os conhecimentos decorrentes da investigação elaborada no âmbito de trabalhos académicos, nomeadamente as cadeiras de História de Portugal e outras disciplinas que, extravasando, embora, o período cronológico e temático da “sua especialidade”, exigiam aturado trabalho de preparação: caso das disciplinas inseridas na área da História dos Descobrimentos e da Expansão, em particular a História do Brasil, ou a História da Civilização. Nos anos sessenta haveria de dirigir o Seminário de História Moderna de Portugal.

Absorvido pela docência, bem como pela orientação de trabalhos académicos (nomeadamente de muitas teses de licenciatura que integram hoje a sua biblioteca), o ritmo de publicações, na década de sessenta, tornou-se mais lento, mantendo-se, no entanto, diversificado. O seu amor à pequena pátria ou o esforço de promoção dos seus valores identitários, evidencia-se em várias publicações: *Região do Rabaçal a terra e o homem* (1961) *A propósito do queijo do Rabaçal* ou *Penela na obra de dois escritores: Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior* (1966). Por sua vez, na área da investigação elaborada no contexto da preparação das teses de licenciatura e de doutoramento, escreveu a *Introdução* à crónica de Fernão Lopes (*Crónica do Senhor Rei dom Fernando nono rei destes regnos*), editada, em 1966, no Porto, pela Livraria Civilização, e redigiu entradas para o *Dicionário de História de Portugal* de Joel Serrão (*Batalha dos Atoleiros* e *D. Beatriz*).

Os interesses históricos do médico/historiador eram muito diversificados. Em 1967, o autor da *Batalha de Trancoso* surpreende os seus pares com a publicação, em parceria com Giacinto Manuppella, de *O livro de cozinha da Infanta D. Maria de Portugal*. Nesta primeira edição integral do *Códice Português I. E. 33. da Biblioteca Nacional de Nápoles*, colaborou na leitura e redigiu uma introdução histórica subordinada ao tema *A arte de comer em Portugal na Idade Média*, texto extenso que seria publicado em livro pela *Imprensa Nacional Casa da Moeda*, em 1986. E consagra-se como um dos pioneiros, em Portugal, na sequência de Oliveira Marques, no campo da História da Alimentação.

Nas publicações de SDA avultam várias personalidades históricas, masculinas e femininas, apresentadas na sua dimensão política e humana: D. Fernando, D. Beatriz, D. Leonor Teles, D. João I, o Infante D. Pedro. Inês de Castro foi, entretanto, a personagem histórica cuja vida mais cativou a razão, e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sobretudo o coração, de SDA. Nas suas aulas conseguia transportar os alunos para o universo medieval pela mão desta figura feminina. Falava de Inês como se a tivesse conhecido. *Coimbra e o drama de Inês de Castro* foi o tema da Lição inaugural do *Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, proferida em Julho de 1970. Retomou o tema, em 1972, no Curso dirigido a estudantes estrangeiros, *O episódio de Inês de Castro à luz da história de Portugal*, contribuindo ainda para a projeção internacional do tema inesiano. Em 1985, numa comunicação apresentada no primeiro colóquio sobre História da Mulher, realizado em Coimbra (*A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais*), abordou as consequências políticas dos amores de Pedro e Inês.

Como já foi referido, do *curriculum* de SDA consta a leccionação de várias cadeiras que se inserem no campo da História da Expansão Portuguesa. João Marinho dos Santos considera, no entanto, que “*A Crise Nacional dos fins do século XIV. A sucessão de D. Fernando* é livro de estudo obrigatório para quem quiser compreender as origens do processo expansionista, ainda, que, eventualmente esta finalidade não tivesse presidido à investigação de Salvador Dias Arnaut” (Santos, 2011, 362).

Simbolicamente, o último estudo que o médico/historiador escreveu foi um capítulo publicado no 1º volume da *História da Universidade em Portugal*, intitulado *Medicina* (1997), em que abordou o ensino da ciência médica e a formação de médicos ao longo da Idade Média.

Após a apresentação de alguns marcos do percurso de investigação e da obra de SDA cumpre-nos agora tecer algumas considerações sobre o seu perfil de historiador. Iniciou a sua carreira universitária em 1952, como Segundo Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, integrando um grupo de História marcado por uma historiografia que, do ponto de vista metodológico, se pautava pelo paradigma da escola metódica alemã, mas que, do ponto de vista dos temas em análise, não se circunscrevia, apenas, ao político e institucional. Teve como mestres Mário Brandão, M. Lopes de Almeida, Torquato de Sousa Soares, Damião Peres. SAD ingressou na carreira académica, nos inícios dos anos cinquenta, com o medievalista Avelino de Jesus da Costa e o arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro. Vivia-se, no Grupo de História da FLUC, no dizer de António de Oliveira, “o começo de um tempo de novos historiadores”, representando, no dizer deste historiador, “uma terceira geração” de historiadores da Faculdade de Letras. Tempo de futuro que seria marcado, na década de sessenta, por uma mudança consistente na forma de conceber e de escrever a História, protagonizada por António de Oliveira, Jorge de Alarcão, Luís Ferrand de Almeida e Silva Dias, historiadores que terão o gosto de orientar jovens que já nasceram para a investigação histórica num tempo de liberdade. Gosto partilhado por Salvador Dias Arnaut. Desde logo, acompanhou de perto os dois mais jovens assistentes, entrados nos inícios da década de 70 na Faculdade, João Lourenço Roque e Maria Helena da Cruz Coelho, dividindo com eles o saber e não menos o gosto pela vida.

De notar que SDA realiza a licenciatura em História, no âmbito da qual elabora a tese dedicada à batalha de Trancoso, numa década marcada pela celebração dos centenários da Fundação da Nacionalidade e da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Restauração de 1640 e, conseqüentemente, num tempo de particular controlo da produção historiográfica académica. Viviam-se, então, tempos contraditórios. Na Escola de Coimbra conhecia-se a produção historiográfica europeia trazida por intelectuais acolhidos em Coimbra no contexto da segunda guerra mundial, caso de Pierre David, ou por historiadores estrangeiros convidados a proferir conferências, Charles Verlinden, ou a publicar numa secção da *Revista Portuguesa de História* intitulada “Historiografia Nacional e Estrangeira”. No ano em que concluiu a sua tese de licenciatura (1947), SDA foi encarregado, por Torquato de Sousa Soares, de recensar as publicações históricas publicadas entre 1939 e 1945, nos seguintes campos: Fontes e Ciências Auxiliares da História, História Geral e Política, História Económica e História Local. Torquato de Sousa Soares, personalidade muito influente do grupo de História, demonstrava em artigos publicados um particular apreço por Marc Bloch, um autor que lutara por uma renovação da História. A abertura não era, no entanto, suficientemente ampla de modo a permitir a SDA elaborar as teses de licenciatura e de doutoramento na área da História Local e Regional, campo onde já tinha vastas publicações. Havia que aguardar pela década de 60, tempo em que no dizer de António de Oliveira, “A história local, entra, então, de pé firme na Universidade, passando a ser obra de amor à ciência e não apenas à terra em que se nasceu” (Oliveira, 2010, 44). Por amor à metodologia científica, aprendida no curso médico e nos manuais das ciências auxiliares da História, já SDA tinha escrito, em 1939, o exaustivo e fundamentado estudo *Ladeia a Ladera: subsídios para o estudo do feito de Ourique*, o que pode ser considerado um verdadeiro tirocínio para a elaboração de trabalhos posteriores.

As obras elaboradas por SDA para provas académicas podem ser consideradas “tratados” de metodologia crítica aplicada. Segundo palavras do próprio autor, o livro *A Batalha de Trancoso* poderia ter como subtítulo *Ensaio sobre o valor histórico de Fernão Lopes*. Com efeito, os escritos do cronista foram sujeitos a apertada crítica interna e externa e a uma perspicaz interpretação histórica e filológica. Exercício de método crítico que implicou o cruzamento do texto de Fernão Lopes com as crónicas de Froissart e Ayala bem como com outra documentação coeva. O arguto “dissecar” das fontes, expresso num impressionante aparato crítico e na transcrição de documentos, permitiu ao autor avançar com uma data aproximada para a Batalha de Trancoso: “A batalha de Trancoso deu-se, em 1385, entre 6 de Maio e 8 de Junho, mais restritamente: nos fins de Maio ou princípios de Junho (antes do dia 8); provavelmente num dos primeiros dias de Junho”. Demonstrou, ainda, que a Batalha de Trancoso não foi um simples episódio mas a parte final de “uma verdadeira campanha” que teria o seu desfecho em Aljubarrota. “Aljubarrota foi o momento culminante, o cimo da montanha que se subia desde o final de 1383”. A construção histórica de SDA indicia, em múltiplos contextos, os conhecimentos científicos adquiridos na Faculdade de Medicina. Deu ao prelo, no entanto, trabalhos em que o cruzamento das competências do historiador e do médico são particularmente evidentes. No mesmo ano em que defendeu a tese de licenciatura, publicou na *Revista Portuguesa de História* um artigo intitulado *Flechas com erva na guerra entre Portugal e Castela no fim do*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

século XI. Num texto dedicado a uma técnica de guerra utilizada pelos exércitos de Castela, analisam-se as descrições documentais dos sintomas dos soldados alvejados pelas setas envenenadas e identifica-se a erva mortífera utilizada pelos exércitos castelhanos, o acónito, planta existente em Portugal, na região de Trás-os-Montes. Trata-se de um fundamentado texto científico que só poderia sair da pena de quem dominava conhecimentos provenientes da História, da Botânica, da Medicina e das Ciências Farmacêuticas.

No que concerne à tese de doutoramento, *A Crise Nacional dos fins do século XIV. A sucessão de D. Fernando*, atente-se ao que se escreve num curriculum do autor datado de 1960: “Esta obra, desenvolvendo ideias expostas na primeira, consolida na historiografia da crise uma verdadeira viragem. O candidato do povo, já em tempo de D. Fernando, era o infante D. João, filho de D. Pedro e de D. Inês de Castro – atitude que tinha toda a lógica, desde que (e era o caso) não se considerasse D. Beatriz com direito ao trono: extinta a linha directa ia-se à colateral, e o Infante vinha logo à cabeça, pois era considerado filho legítimo de D. Pedro, como D. Fernando. Estava, porém, o Infante em Castela, e preso pelo rei, e, na sua ausência, seu irmão bastardo, Mestre de Avis, foi o chefe da revolta de Dezembro de 1383 – revolta que fez em nome do ausente, mais tarde preterido por esse irmão que o representava. Mas o partido do Infante não morreu com a elevação do Mestre de Avis a rei. Continuou para além das cortes de Coimbra de 1385, acabando por, morto, o Infante, dar a dignidade de rei de Portugal no exílio a seu irmão D. Dinis – um rei, um governo no exílio. Antes desta nova maneira de ver, era corrente, ao tratar-se dessa crise do final do século XIV, quase não se falar dos filhos de Inês de Castro. Dos filhos de D. Pedro só um merecia realmente atenção: o Mestre de Avis” (Arnaut, 1967, 8). Em convergência com pontos de vista atrás expostos, Armando Luís de Carvalho Homem sintetiza desta forma o contributo trazido pelas teses de licenciatura e doutoramento para o estudo da crise política de finais do século XIV: “A chamada de atenção para a importância política dos filhos de Pedro I e de Inês de Castro, e particularmente para o infante D. João, como a individualidade em quem sectores significativos da sociedade política viam, em 1383, a «saída para a (dimensão dinástica) da crise»; o realce dado à nobreza beirã e ao seu papel em Trancoso, batalha cujo desfecho se considera fundamental no enfraquecer do exército castelhano e, conseqüentemente, episódio de modo algum escamoteável nos meses pré-Aljubarrota e indissociável da resolução militar da crise”.

Para proceder à elaboração da sua dissertação de doutoramento, SDA trabalhou como bolseiro do Instituto de Alta Cultura em vários arquivos estrangeiros (Arquivo de Simancas, Biblioteca Nacional de Paris, Arquivos do Norte, de Lille). Neles, e nos portugueses, compulsou uma vastíssima documentação que suporta uma narrativa literariamente contida, aparentemente circunscrita ao factual. O encadeamento dos factos é, no entanto, entretecido, por um conhecimento amplo das vivências humanas.

A obra e o magistério de SDA situam-se numa zona de fronteira entre a tradição marcada por teólogos e por historiadores marcados por uma formação erudita, de matriz alemã e francesa, e por fortes



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

constrangimentos de cariz ideológico, e a inovação nas abordagens temáticas e nas metodologias que começaram a afirmar-se no ambiente recatado do Seminário de História Moderna onde se elaboraram, nos anos sessenta, teses de licenciatura de demografia histórica e história económica. Ao mesmo tempo, preparavam-se teses de doutoramento, marcadas pelas novas correntes historiográficas europeias, e que haveriam de ser defendidas na Sala dos Capelos na década de setenta, nomeadamente *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640* de António de Oliveira.

A obra de SDA é poliédrica. Para a “classificar” é necessário analisar-lhe as diversas faces. Não a compreenderemos se olharmos uma aresta. Com efeito, o medico-historiador foi exímio na heurística e na hermenêutica das fontes que constituíram o suporte seguro para a narrativa dos factos e das acções individuais de personagens de “carne e osso”. Esboçou com mestria o “retrato” de grandes figuras históricas: D. Fernando, o mestre de Avis, o Infante D. Pedro, senhor de Penela e com sensibilidade os Amores de Pedro e Inês. Aportou um contributo notável, e incontornável para a historiografia portuguesa, no que concerne ao conhecimento dos aspectos políticos e institucionais da crise de 1383-1385. Trilhou campos historiográficos particularmente inovadores e ousados, atendendo às circunstâncias do tempo em que desenvolveu uma parte da sua vida académica nos territórios da História Local e Regional, em particular da História do concelho de Penela, bem como no da História da Alimentação, tema que inspirou estudos posteriores nomeadamente os realizados, em Coimbra, por Maria Helena da Cruz Coelho e Maria José Azevedo Santos.

SDA legou-nos um espelho dos seus gostos: a sua biblioteca composta por 16 000 volumes representativos dos seus interesses pessoais, campos de investigação e de docência. É muito ampla a paleta das áreas temáticas representada nesta biblioteca: Arqueologia, Arquitetura, Arte, Agricultura, Biografia, Cartografia, Direito, Desporto, Economia, Etnografia, Filosofia, Geografia, História, História da Europa, Linguística, Literatura, Medicina, Psicologia e Religião. O seu núcleo diferenciador é, no entanto, constituído por monografias locais, estudos publicados nos séculos XIX e XX, que contém fragmentos da História de todos os municípios portugueses; livros que persistentemente procurou nas livrarias e nos catálogos de alfarrabistas. Viveu uma vida austera, circunstância que lhe permitiu juntar poupanças, que aplicou na aquisição e começo das obras de preservação do castelo de Germanelo, as quais têm sido continuadas pela câmara municipal de Penela.

De todas as faces de SDA, aquela que deixou a memória mais enraizada foi a de Professor. Marcou várias gerações de estudantes portugueses e estrangeiros nas aulas e em conversas peripatéticas pelos corredores da FLUC. A este propósito, testemunha Jorge de Alarcão: “a história que o Doutor Arnaut nos ensinava era uma história diferente, que agradava”.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa: *Penela: notas acerca dum centenário*. Coimbra: Atlântida Livraria Editora, 1937; *Ladeia a Ladera: subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Coimbra: Tip. Gráfica, 1939; *Notícia histórica da cirurgia coimbrã*, Arq. Clín. S. Cruz, Coimbra, 1, 1943; *A batalha de Trancoso*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos da Faculdade de Letras, 1947; *A crise nacional dos fins do século XIV: a sucessão de D. Fernando*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1960; *Região do Rabaçal: a terra e o homem*. Penela: Câmara Municipal, 1961; *A crise nacional dos fins do séc. XIV: contribuição para o seu estudo*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1985; *A arte de comer em Portugal na idade média*. Lisboa: Imp. Nacional Casa da Moeda, 1986; “Três estudos sobre os descobrimentos”. *Biblos*, Coimbra, 1994; “Medicina”. *História da Universidade em Portugal*. Vol. I, Coimbra: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 285-302.

Bibliografia passiva: ALARCÃO, Jorge de, “Doutor Salvador Dias Arnaut”, *Revista Portuguesa de História*. 22, 1985, pp. 1-8; ALMEIDA, Luís Ferrand de Almeida, «Notas sobre a obra historiográfica do Doutor Salvador Dias Arnaut». *Revista Portuguesa de História*. Coimbra, 31, I, 1996, p. 31-45; HOMEM, Armando Luís Carvalho, “Evocação de um Mestre”. *Anais da Universidade Autónoma de Lisboa / série História*, II, 1995, pp. 295-299; MATTOSO, José (dir.), *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, [Lisboa], Instituto de Estudos Medievais /Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, [s.d.]; NETO, Margarida Sobral (coord.) – *Penela – um percurso pelo tempo*. Coimbra: Palimage Editores, 2015; OLIVEIRA, António de Oliveira, «Jubilação académica do Doutor Salvador Dias Arnaut». *Revista Portuguesa de História*. 22, 1985, pp. 201-206; *Idem*, “As Histórias da minha geração: uma perspectiva historiográfica”. In *Pedaços de História Local*, Coimbra, Palimage, 2010, pp. 349-402; *Idem*, “Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra (1911-1970). Um esboço das suas tendências”. *Antiquarismo e História*. Coimbra, Palimage, 2013, pp. 201-284. VENTURA, Leontina Ventura, «Um Mestre. Um Amigo». In *Economia, Sociedade e Poderes. Estudos em Homenagem a Salvador Dias Arnaut*. Coimbra, Editora Ausência, 2004, pp. 11-19; PEREIRA, Joaquim Tomaz Miguel Pereira, «Bibliografia do Prof. Doutor Salvador Dias Arnaut». *Revista Portuguesa de História*. 31, I, pp. 9-30; ROQUE, João Lourenço, “Homenagem ao Doutor Salvador Dias Arnaut (Penela, 5 de Julho de 1997)”. In *Na morte de um homem bom. Homenagem ao Professor Salvador Dias Arnaut*. Coimbra-Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar, 1998, pp. 29-35.

Margarida Sobral Neto



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA